



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9925 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**MASCULINIDADES NEGRAS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS APRESENTADAS NOS ENCONTROS DA ANPED (2012 -2019)**

Marcio Caetano - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Paulo Melgaço da Silva Junior - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

### **MASCULINIDADES NEGRAS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS NOS ENCONTROS DA ANPED (2012 -2019)**

#### **Resumo:**

O objetivo do texto é discutir as configurações dos estudos sobre masculinidades negras na Educação. Para tanto, adotamos o procedimento de revisão narrativa das produções apresentadas nas reuniões nacionais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação– ANPEd. A análise demonstra o crescente interesse pelas masculinidades negras, contudo, elas não se configuram como tema central das referências consultadas e os enfrentamentos às múltiplas formas conjugadas de opressão não estão articuladas nas análises.

**Palavras-chaves:** Revisão Narrativa; Interseccionalidade; Negros; Educação.

O objetivo deste texto é mapear e discutir os modos como vêm se configurando os estudos sobre masculinidades negras na educação. Para tanto, analisamos os trabalhos apresentados nas reuniões nacionais da ANPEd considerando que elas refletem os principais temas discutidos no campo no Brasil. Diante do desafio, definimos como questões a serem analisadas: 1. Perspectivas teóricas; 2. Interseccionalidades entre marcadores e 3. Incidência de pesquisa nas regiões.

Como as reuniões apresentam diferentes atividades, optamos por analisar os trabalhos apresentados nos 24 GTs (grupos de trabalho), entre os anos 2012 e 19. Como encaminhamento metodológico foi feito a seleção e a revisão de artigos. O estilo da análise caracterizou-se como “revisão narrativa” (CORDEIRO, 2007, p. 34), sem pretensão de amplo alcance e sem recorrência a revisão sistemática. Foi feita, então, de modo objetivo, a síntese descritiva de cada artigo e um comentário apreciativo do estudo.

A primeira etapa consistiu na revisão de títulos, resumos e palavras-chave de 1982 pesquisas buscando localizar as expressões homem negro, masculinidades negras ou negro(s). Logo após, selecionamos os textos que apresentavam diálogos com a temática

‘masculinidades negras’, buscamos classificá-los de acordo com: 1. Abordagem direta; 2. Menção do tema; 3. Apresentação de indícios. Com isso, chegamos a um total de 26 artigos que tangenciavam o tema. Nenhum o apresentava como centralidade. O volume de textos representa menos de 2% de todos os trabalhos publicados. Este dado evidencia a necessidade de colocar o debate em questão. Trabalhos mapeados:

Autoria(s)	Título	Reunião	GT
SILVA, V.	Interpelando (in)visibilidades: configuração racial do corpo docente da USP	35	14
SANTOS, W.	Negros/as e brancos/as em livros didáticos de geografia	35	21
VARGAS, H.	Uma sociologia das ausências: negros e carreiras prestigiadas no Brasil	35	21
RITTI, R.	Adolescentes violentos? Que discurso é este? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia	35	23
FONSECA, M.	Escolarização e classificação racial em MG no Século XIX	36	02
MACHADO, G.	Formar bem para servir sempre: a Escola de aprendizes-marinheiros de SC (1889-1937)	36	02
PAULA, S.	Desempenho e atividade extraescolar: novas desigualdades	36	03
CORREA, L.	Investigando a relação jovens, família e trabalho: Aspectos que permeiam a exclusão escolar juvenil no ensino médio	36	03
OLIVEIRA, R.	Educação e salários: o que nos diz o mercado de trabalho	36	09
LOUZANO, P.	Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos étnico-raciais	36	14
SILVA, N.	A (in)visibilidade da juventude negra na EJA: Percepções do sentimento fora do lugar	36	21
ARTES, A.	Estudantes da pós-graduação no Brasil: distribuição por sexo e cor/raça a partir dos censos demográficos 2000 e 2010	36	11
SILVA, A.	Estado do conhecimento sobre EJA, TICs e suas interfaces na Região metropolitana de BH (1996-2009): onde estão os jovens educandos negros?	36	18
ARTES, A.	A cor/raça no ensino médio como um filtro para o acesso ao ensino superior: as desigualdades por região	37	21
PINHEIRO, L.	Identities e individualização na prática do Break: narrativa sobre as experiências de jovens da restinga CREW	37	03
MULLER, T.	A produção acadêmica sobre a imagem do negro no livro didático: estado de conhecimento (2003-13)	37	21
VANZUITA, S.	O que “dizem” as crianças no contexto das políticas de ações afirmativas	37	21

GODOI, R.	Jovens do sistema socioeducativo: singularidades, percursos biográficos e experiências de escolarização	38	03
SILVA, T.	Que cor é a minha cor? A autoidentificação racial das crianças na educação infantil	38	07
VELOSO, V.	O direito à educação para adolescentes e jovens privados de liberdade no Paraná	38	18
KERN, G.	As relações entre eugenia e educação no pensamento de Renato Kehl	38	02
SILVA, S.; RAUL, J.	A questão racial e perspectivas outras para história da educação	39	02
BRENNER, A. ; CARRANO, P.	Trabalho e escolarização no curso de vida de jovens pobres no RJ	39	03
ALMEIDA, J. LEÃO, G.	Experiências e projetos de futuro de jovens em semiliberdade	39	03
AQUINO, P.; CRUZ, S.	A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas	39	07
LIMA, M.	Política de correção de fluxo: evidências de desigualdades no processo de escolarização através do estudo de trajetórias escolares	39	14

Fonte: autores (2021)

Separados os artigos, produzimos o mapa conceitual preocupados com: 1. Tema; 2. Procedimento metodológico e 3. Perspectivas teóricas. Esta fase envolveu a análise de registros e percebemos a variedade temática. A partir deste exercício foram produzidas as categorias para reunir os trabalhos: 1) perspectiva histórica, 2) privação de liberdade, 3) infância, 4) adolescência, 5) escolaridade e trabalho e 6) livro didático. Com relação à abordagem metodológica, 25 pesquisas são de natureza empírica e um ensaio. Observamos uma tendência à realização de pesquisas de exploração, de campo e documentais. Divididos por regiões: Sul (6 textos), Sudeste (17 textos) e Nordeste (3 textos). Esta distribuição mostra a irregularidade da discussão nas universidades e o predomínio da Região Sudeste.

No grupo masculinidades negras em perspectiva histórica, as autorias buscaram tematizar as instituições militares voltadas aos negros carentes e demonstraram que, dentre outros interesses, visavam à produção de corpos dóceis (MACHADO, 2013). Já Fonseca (2013) investigou o processo de racialização entre estudantes no séc. XIX. Destacamos o caso de Cipriano Pimenta que era pardo em 1831 e branco em 1838 e nos mostra como o processo de incorporação ao domicílio de uma família rica significou uma mudança na condição racial. As relações entre a eugenia e educação são tematizadas por Kern (2017) que nos expõe como a educação foi utilizada como uma forma de empreender o melhoramento racial brasileiro. Já Silva e Raul (2019) refletiram sobre a presença de negros nas escolas pré-abolicionistas, destacando alguns subsídios para a desmistificação de estereótipos sobre a população negra no contexto.

Os trabalhos que abordaram os jovens em privação de liberdade: Godoi (2017) discutiu as experiências de escolarização e percursos biográficos de negros e pardos. Os jovens de pele mais escura estão mais propícios a violência por parte de policiais do que os

de pele mais clara. Veloso (2017) analisou o direito à educação dessa população no Paraná demarcando a subnotificação negra em decorrência do racismo presente no Estado. Por este caminho, Almeida e Leão (2019) buscaram compreender os projetos de futuro de jovens no interior de Minas Gerais e enfatizaram a precariedade dessas vidas marcadas pela exclusão.

A infância do homem e crianças negras foram discutidas nos seguintes trabalhos: Silva (2017) investiga como as crianças de 4 e 5 anos fazem sua identificação racial na escola. Neste caso, os meninos que se reconhecem como pretos apresentam mal-estar com sua cor, em contraponto, as meninas possuem orgulho. Por sua vez, Aquino e Cruz (2019) analisam como crianças de 3 a 4 anos de uma creche percebem e reagem as semelhanças físicas decorrentes de pertencimentos étnico-racial. Já Vanzuita (2015) investigou as práticas pedagógicas com crianças de 0 a 5 anos e afirmou que os desenhos de meninos negros já evidenciam percepções de desigualdades raciais e sexuais.

A relação direta entre adolescência, masculinidade, classe social e territorialidade é enfatizada no trabalho de Ritti (2012). A autora discute sobre o que é ser homem na periferia e mostra uma trajetória escolar marcada por reprovações, expulsões e desistências. Em relação às oportunidades educacionais e acesso ao ensino e docência na universidade, Silva (2012), ao pesquisar a distribuição de docentes por raça e sexo na USP, encontrou apenas 0.3 % de professores negros, demarcando suas inexpressivas presenças. Artes (2013) discutiu a caracterização étnico-racial e de gênero na pós-graduação, revelando que entre os homens que possuíam mestrado eram: 4.2% negros, 21.6% pardos. O quadro pouco se diferenciava no doutorado: 4.6% negros, 19.8 % pardos. O quadro sinalizava a presença negra masculina no corpo docente do Ensino Superior. A mesma autora, em outro trabalho publicado em 2015, investigou o Ensino Médio como acesso para o ensino superior e destacou a ampliação da população que passou a se autodeclarar como negra e parda. No entanto, em relação à taxa de ingresso na universidade, o homem negro continuou em minoria, em cada 100 homens, 26 eram negros e pardos.

O salário recebido pelo negro é tematizado por Oliveira (2013) e está relacionado com a educação. Segundo o autor, o discurso hegemônico sobre a relação entre o nível de escolaridade e a pobreza tem uma função duplamente danosa aos trabalhadores negros. Esse quadro os exclui das melhores posições salariais. Já Vargas (2012) analisou as ausências de negros em carreiras de sucessos. Para a autora, a segregação racial na medicina, direito e engenharia civil fez com que a população enfrente problemas de acesso ao sistema de saúde, aparato judicial e tenha as piores condições de moradia. Correia (2013) investigou a relação entre jovens, família e trabalho buscando discutir a exclusão de jovens e adolescentes de escolas de Ensino Médio. Apesar de não apresentar recorte específico de raça e gênero, nos mostra que no universo pesquisado, a maioria dos excluídos são os homens negros.

Brenner e Carrano (2019) investigaram o curso de vida de jovens pobres até a fase adulta a partir da relação trabalho-escola. A pesquisa destaca as dificuldades de escolarização de jovens negros cujas responsabilidades da vida adulta e a pressão para entrarem no mercado de trabalho afetavam suas escolarizações e experiências juvenis. Pensando em trajetórias e experiências de jovens, Pinheiro (2015) investiga itinerários de integrantes do grupo CREW de Porto Alegre-RS e defende que o hip-hop garantiu a esses homens redes de sociabilidades e de reciprocidade.

Em relação às políticas de correção de fluxo e desempenho escolar, Silva (2013) analisou a (in)visibilidade temática na Educação de Jovens e Adultos. Segundo o autor, os

homens negros apresentavam uma trajetória escolar mais acidentada e são submetidos a um contexto social marcado por violências com profundos impactos escolares. Louzano (2013) concluiu que o fracasso escolar entre os alunos negros é maior que entre outros grupos. Paula (2013), ao buscar compreender as desigualdades escolares no Ensino Médio, apresenta que 62.97% dos alunos eram homens e negros. Silva (2013) ao analisar os reflexos das políticas de EJA, interpelou: Onde estão os jovens negros e suas necessidades? Mais uma vez, as especificidades violentas a que estão expostos foram ignorados nas políticas de educação. Lima (2019) analisou as desigualdades de trajetórias escolares de alunos que estavam matriculados em projetos de correção de fluxo. Segundo a autora, os meninos negros tendem a apresentar maiores chances de reprovação e atraso escolar, determinando menor sucesso na trajetória escolar do que alunos brancos e do sexo feminino.

Em relação ao livro didático, Santos (2012) discutiu o espaço ocupado por negros e brancos nos livros de geografia do 2º ano, em 2010. Em um universo de 3217 personagens, 98% eram humanos, sendo que para cada 2.6 homens brancos era apresentado um homem negro. Este trabalho dialoga com o de Muller (2015) que analisou a produção acadêmica sobre o negro no livro didático. Embora não tenha ressaltado a divisão por sexos, a autora destacou, entre outros, a invisibilidade do negro nos livros, a desvinculação do conteúdo com a formação de identidades e contextos socio-históricos.

As nossas análises indicam que a interdependência das relações sociais e os enfrentamentos às múltiplas formas conjugadas de opressão não estão articuladas nas observações sobre as masculinidades negras no campo. Como algumas reflexões, constatamos que as discussões sobre masculinidades negras na ANPEd ainda estão prematuras. Acreditamos que o pequeno universo de textos apresentados se deve ao fato de poucos pesquisadores/as utilizarem uma análise interseccional no processo de geração e análise de dados. A ferramenta analítica da interseccionalidade parte da inseparabilidade estrutural entre o racismo, capitalismo e o patriarcado em suas articulações. Como sinalizado por Crenshaw (2002) é um conceito do problema que busca as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre os eixos de subordinação. Ele trata especificamente da forma pela qual os marcadores operam nos sistemas discriminatórios e criam desigualdades básicas que estruturam as hierarquias sociais. Argumentamos que os recortes de raça e gênero poderiam desvelar novos caminhos para as pesquisas, fato que potencializaria as discussões sobre masculinidades negras e colocariam em questão os discursos que desumanizam, inferiorizam, excluem e/ou invisibilizam as masculinidades negras.

## REFERÊNCIAS

CORDEIRO, A. Revisão sistemática e revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cirur.**, Rio de Janeiro, 2007, p. 34-35.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Est. Feministas**, 10: 2002, p. 171-188.